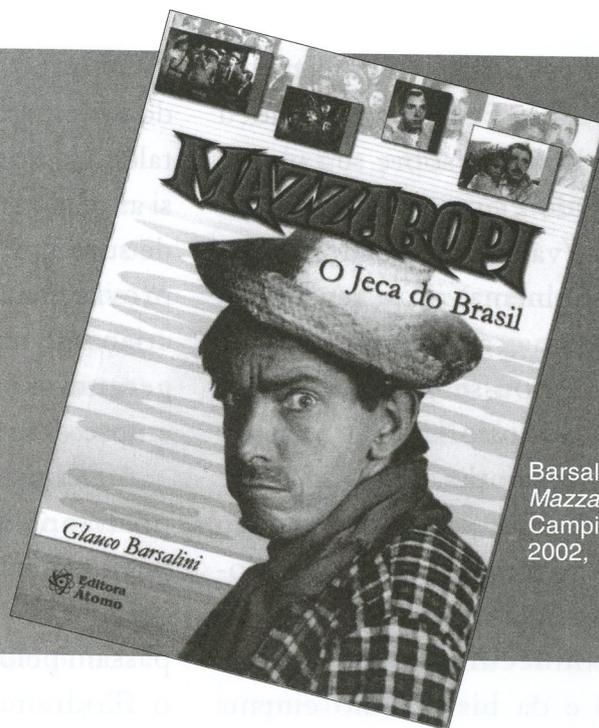


Da produção  
à interpretação:  
as diferentes  
faces do  
**MATUTO**



Barsalini, Glauco  
*Mazzaropi, o Jeca do Brasil*  
Campinas: Átomo,  
2002, 157 p.

WAGNER J. GERIBELLO

Mestre em Comunicação e Mercado, jornalista e professor universitário

**P**rimera e única figura na história da arte e da cultura do Brasil capaz de criar e levar adiante, com sucesso – e lucro – um empreendimento verdadeiramente industrial de produção cinematográfica nacional.

Artista de incontestável popularidade e talento, que provocava riso na platéia sem mesmo mostrar-se, bastando seu nome ser projetado na tela, apresentando ou anunciando seus filmes.

Empreendedor polivalente, misto de empresário, administrador, produtor cultural, roteirista, diretor, ator e promotor de cinema, teatro e show.

Nos parágrafos acima três motivos mais que suficientes para legitimar e estimular o conhecimento sobre Amácio Mazzaropi, que

fez e foi história no cinema brasileiro. Além dessas existem muitas outras, a maior parte delas reunidas e dissecadas na dissertação de mestrado do cientista social Glauco Barsalini, editada pela Átomo (2002, 157 páginas).

Segundo o autor, Mazzaropi ocupa posição privilegiada no elenco de artistas populares brasileiros e, por essa razão, não pode permanecer à margem de estudos objetivados na cultura popular deste País.

Com esse aval legitimador debaixo do braço, Barsalini saiu pelos arquivos, bibliotecas, centros de estudo e memória, investigando, descobrindo, reunindo, sistematizando, relacionando e estudando dados sobre o ator/cineasta objeto da sua dissertação. No caminho, entrevistou, ouviu, anotou e processou informações, chegando

a, pelo menos, dois resultados flagrantes que transparecem no livro. Primeiro: aprendeu muito e descobriu bastante sobre seu objeto de pesquisa, reunindo elementos suficientes para criar uma cena (valendo a metáfora, uma vez que o assunto é cinema) rica e reveladora sobre a personagem e o ator/autor por trás dela. Segundo: afeiçoou-se pelo objeto de estudo, injetando no livro, além de fato e relato, o sangue humano do envolvimento e do apreço. Destarte, o pesquisador guarneceu o volume de valor documental, garantindo-lhe incontestável posição na estante das obras necessárias ao conhecimento da cultura popular no geral e da história do cinema brasileiro em especial. Paralelamente, o fã (se o autor permite essa simplificação), responde pela passionalidade da obra e pela narrativa que suaviza a impessoalidade tecnicista, racional e materialista própria dos textos monográficos, tornando a leitura gostosa e agradável, como um contar de “causos” a que faz alusão Haydée Dourado, orientadora da dissertação e prefaciadora da obra.

Assim, caipiramente, no sentido mais puro e cultural do termo, como o próprio autor define, *Mazzaropi, O Jeca do Brasil* leva o leitor a reflexões oportuníssimas sobre a personagem, nem sempre evidentes e muito pouco estudadas, como as similaridades entre Mazzaropi e nomes leviatânicos da cinematografia humorística internacional, como Chaplin, Keaton e Tati. Antes que o leitor torça o semblante em sinal de desconfiança, Barsalini explica que Mazzaropi reunia as mesmas características do trio: assumir e conduzir, com sucesso, todas as fases da produção (roteirizaram, dirigiram,

interpretaram, compuseram, enfim eram donos integrais e críticos exigentes do próprio talento). Por outro lado, ainda tomavam para si as responsabilidades técnicas e empresariais de suas empreitadas, alocando equipamentos, providenciando a divulgação das próprias criações, contratando e despedindo gente, gerando e gerenciando equipes, criando empresas.

Na esteira dessas comparações, o autor posiciona-se ao lado do leitor, coloca a personagem estudada entre ambos e o trio segue por caminhos interessantíssimos, que passam pelos períodos dos teatros populares, o filodrama e suas famosas sociedades e círculos de imigrantes e descendentes entusiastas do teatro. Nesse ambiente, Amácio (em homenagem ao avô, Amazzio), filho de chofer de praça napolitano, começa a carreira de ator. Ao longo da narrativa, Barsalini tem o cuidado de contextualizar o leitor nos diferentes aspectos e múltiplas curiosidades desse peculiaríssimo e ainda pouco estudado meio artístico, nos seus aspectos políticos, econômicos, etnográficos, históricos e culturais.

Em 1951 Mazzaropi vai do palco (que na verdade ele nunca abandona de vez) para o estúdio, participando do maior sonho de cinematografia industrial do Brasil, A Vera Cruz. Lá, conta Barsalini, não se ocupa exclusivamente de atuar. Antes, observa, acompanha e aprende. Mais tarde vai usar o aprendizado para fundar e conduzir sua própria produtora, a PAM Filmes, sem dúvida o empreendimento cinematográfico de maior sucesso em termos comerciais na terra Pindorama, que produziu e gerou lucros até

a morte do fundador, cobrindo percurso diametralmente inverso ao da Vera Cruz e outras tentativas mais ou menos semelhantes.

Mas além de focar o empresário, o autor está interessado também (ou até mais) em refletir sobre o Mazaropi artista, o comediante, ator, roteirista, enfim o homem de palco e estúdio, que eternizou a figura do matuto ou do caipira brasileiro em uma carreira que durou mais de meio século, incluindo teatro, na fase inicial, e 32 filmes rodados entre 1951 e 1979 (Mazaropi, explica Barsalini, fez um pouco de rádio, mas nunca mostrou interesse pela televisão. Em depoimento próprio, transcrito e contextualizado no livro, o comediante previu o aspecto destrutivo de talentos desse veículo, pela mistura de saturação e esgotamento).

Mas é no tratamento dos aspectos populares do ator e da personagem, de ordem política, social e cultural, que Barsalini concentra o maior consumo de tinta. Através de relatos resgatados, depoimentos e informações de toda sorte, o autor vai mostrando a relação Mazaropi/público (povo), efetivada através de linguagens coincidentes, valores comuns, experiências congruentes e identificação telúrica. Numa relação simples, a personagem fazendo o que o público queria ver e ouvir e o público envolvido com tudo que a personagem tinha para mostrar e contar, sobretudo humor, matreirice e o sentimentalismo que dava a pitada de drama necessária à consolidação da comédia (duas lágrimas

furtivas e simplórias entre uma gargalhada e outra, porque o Jeca pode perder o casebre para o patrão insensível, ou o racismo magoa o íntimo da personagem negra).

Além disso tudo, Barsalini também traz à baila o engajamento social e mesmo político, segundo ele às vezes explícito outras implícito na filmografia de Mazaropi. Como esse engajamento foi e continua sendo apontado como pretensão por alguns estudiosos, mas real e verdadeiro segundo o autor, o texto, nesse ponto, abre-se ao debate e não chega a fechar questão, apesar de tentar. Quando o assunto é ideologia política no cinema de Mazaropi, para alguns, o Jeca contribuiu muito para a alienação, prestando-se até mesmo às causas mais conservadoras e antipopulares, sobretudo durante o período da ditadura militar. Para outros, Barsalini incluso, Mazaropi soube driblar a censura e foi capaz de codificar recados em favor da causa do povo, por exemplo, quanto à exploração nas relações de trabalho e na questão da posse da terra.

Assim, menos que eleger um desses extremos (engajamento popular versus alienação popularesca) como expressão inquestionável da realidade histórica da personagem e do ator, a contribuição do livro, nesse plano, é trazer o assunto para a mesa de debates, instigando a reflexão e a participação do leitor.

Enfim, a antítese rural/urbano, a nostalgia de universos perdidos (compadrio, parcerias, sitiantes), a resistência cultural ao moderno e ao

alienígena e muitos outros temas de relevância desfilam pelas páginas d' *O Jeca do Brasil*. O resultado é um livro que nos coloca em contato com uma personagem tão importante quanto interessante e divertida, em um contexto que está preso às nossas raízes culturais, cuja síntese a própria obra contém, ao transcrever um depoimento de Amácio Mazzaropi à revista *Veja*: “*Conte minha verdadeira história, a história*

*de um cara que acreditou no cinema nacional e que (...) pôde construir a indústria do cinema no Brasil. A história de um ator bom ou mau que sempre manteve cheios os cinemas. Que nunca dependeu do INC para fazer um filme. Que nunca recebeu uma crítica construtiva da crítica cinematográfica especializada(...) que aplaude um cinema cheio de símbolos (...) mas sem público (...) Enfim, a história de um cara que nunca deixou a peteca cair*”. Barsalini conseguiu.